

ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE REMANESCENTES OFAIET-XAVANTE NO MATO GROSSO DO SUL (MS)

CEDI - P. I. B.
DATA 17/10/86
COD. 0X) 01

Dados introdutórios:

Em 6.08.1976, o Estado de S. Paulo publicava matéria sobre um pequeno grupo de índios "Xavante" residentes perto de Brasilândia, MS.

No semestre de 1978 se torna público que a 9ª D.R. da FUNAI de Campo Grande realizara a transferência deste pequeno grupo de "xavantes" para a terra dos índios Kadiweu, em Botoquena, MS.

Não se tinha conhecimento sobre a existência de índios xavante na região de Brasilândia. O território dos conhecidos índios xavante localizava-se na região do Rio das Mortes, no MT.

1. Dados históricos e culturais:

Ocupavam a margem direita do Rio Paraná, entre os Rios Sucuriju, Brilhante e Ivinhema. Eran caçadores e coletores, ocupando os campos naturais. Quando a região foi ocupada pelos criadores de gado no sec. XIX os índios foram cruelmente exterminados sob a alegação de que caçavam o gado dos fazendeiros (especialmente na segunda parte do sec XIX):

São descritos como extremamente pacíficos, estando apenas interessados na caça dos animais. Isto talvez facilitasse a sua destruição. Os criadores, segundo conta Darci Ribeiro, faziam checinar cada grupo que encontrassem.

Segundo Kurt Niemendaju em "Los Mitos de Creacion y de destruccion del Mundo Como fundamentos de la Religion de los Apapoxua-Guarani", pg 144 ess., estes índios tem merecido tão pouca atenção por parte dos brasileiros que os chamam simplesmente de Xavantes, embora nada tenham em comum com seus irmãos do Rio das Mortes, e nem no mapa constam.

O governo brasileiro tentou reuni-los no sec. XIX, numa reserva de margens do Rio Ivinhema. Ainda segundo Niemendaju, outros índios Ofaiet estabeleceram relações com os missionários capuchinhos do Rio Verde. Estes que ocupavam a reserva criada pelo governo nas margens do Rio Ivinhema, teriam morrido todos de epidemias.

Quanto a dados sobre aspectos culturais, Niemendaju no seu livro acima citado, traz alguns poucos dados (outros autores terão material mais completo). Ele considera que os Ofaiet sofreram influências dos índios Guarani (espc. alguns grupos). Teriam adotado deles o costume de furar o lábio inferior (sendo que antes furavam somente o lóbulo da orelha).

Também teriam aprendido dos Guarani a fabricação de canoas. Niemendaju traz ainda outras características sobre a cultura material dos Ofaiet (além de alguns mitos): dormem no chão, suas choças são extremamente baixas, digo estreitas e fracas.....

Darci Ribeiro em "Índios e a Civilização", pg. 252, considera o grupo Ofaiet extinto como grupo, podendo contudo continuarem existindo indivíduos falantes dispersos.

2. Ofaiet hoje:

Em 1979 foi possível iniciar um pequeno levantamento sobre a origem deste pequeno grupo de Xavantes, atualmente residentes em Bodoquena.

A FUNAI retirou estes índios, aprox. 25 a 30 indivíduos, da Fazenda Boa Esperança, perto de Brasilândia. Segundo os índios, aceitaram esta transferência devido às muitas promessas de vida melhor que o funcionário da Funai, de nome Jamiro, lhes fez. Prometeu aos índios, caso aceitassem a transferência, terra, casa mobiliada, etc...

Viviam tranquilos até aí na Fazenda Boa Esperança, onde dizem ser naturais, nascidos e criados ali mesmo. Nesta Fazenda Boa Esperança teria ainda mato e terra boa para suas roças. O fazendeiro nunca os incomodava. Até que um dia apareceu o Sr. Jamiro em nome da 9ª DR da FUNAI propondo a transferência.

Segundo informações obtidas junto a funcionários da 9ª DR houve pedido de fazendeiros da região para que esta transferência se realizasse, além do Sr. Tomás antigo morador de Brasilândia.

O deputado Antonio Carlos também teria denunciado o problema destes índios várias vezes.

Em maio deste ano foi possível um contato pessoal direto com o grupo que vive em Bodoquena. Foi Gravada uma fita, enviada posteriormente a C. Paulo e Rio para análise da língua, onde se confirmou tratar-se de remanescentes Ofaiet.

Em maio/81 tinha em Bodoquena 23 índios Ofaiet, num total de cinco famílias:

- Tomé de Souza, sua esposa Dirce de Souza, 25 anos e filhos: Mabá de Lurdes, Severino e Arlindo.
- Eduardinho Cardoso e sua esposa Aparecida e seus filhos: Sebastia na e João Carlos.
- João de Souza (viúvo) sua esposa faleceu oito meses antes, tem tres filhos, sendo que uma filha havia fugido uns dias antes com Felipe de Oliveira (marido de Maria Francisca). Portanto em casa dois filhos.
- João Pereira e sua esposa Francisca de Souza (aprox. 45 anos)
- Ozena Francisco e esposo Alfredo (aprox. 70 anos). Neste dia, Alfredo se encontrava em Campo Grande onde fora ver sua filha que mora em San to André, SP, casada com branco.
- Maria Francisca e esposo Felipe de Oliveira que acabara de fugir com outra, de nome Lena de Souza, sua sobrinha. Segundo informação dos outros moradores estariam em Miranda. Maria Francisca tem dois filhos de nome Cleusa e Ataíde que parece ser a liderança deste pequeno grupo.
- Eduardo

Desde que chegaram em Bodoquena já faleceram: José Tá e sua mulher Cândida Rodrigues da Silva e a mulher de João de Souza (ouvimos algumas informações vagas sobre a condição em que morrera esta última: em total abandono.

Outros remanescentes Ofaiet:

Em dezembro de 1979, foi feito pequeno levantamento na região de Brasilândia, Bataiporã e cidades vizinhas procurando informações sobre possíveis remanescentes Ofaiet não transferidos para Bodoquena. Eis as informações colhidas neste levantamento:

Relatório sobre viagem a área de índios Ofaiet-Xavante entre os dias 17 e 22 de dezembro de 1979.

Bataiporã, 17 de dezembro de 1979:

Em Bataiporã, saímos pela cidade a procura de remanescentes de um grupo indígena (Ofaiet-xavante) que já há algum tempo viveu por estas paragens.

Desse grupo, conforme testemunhos dispersos do próprio local, sobram alguns remanescentes, tratados de bugres.

Avistamo-nos com Santo Xambó (morador de Bataiporã), branco, presumivelmente de origem nordestina, cuja família "pegou para criar" a índia Maria (Ofaiet-xavante?) há mais ou menos 20 anos passados (1958?); quando a garota contava com apenas um ano de idade.

Segundo informações do seu irmão de criação, Santo Xambó, sua família dissolheu-se por morte ou simples desaparecimento, deixando a garota e mais um indiosinho órfãos.

Hoje, com cerca de 21 anos, Maria é casada com um civilizado, tem três filhos e reside em Nova Andradina (perímetro urbano).

As informações dadas por Santo Xambó não saíram disso, já que o mesmo apresentava-se arredio e um pouco assustado.

No entanto, foi-nos possível saber de outras fontes (Sr. Ine e uma garota da cidade) que aos 14 ou 15 anos a índia Maria tentou suicídio ingerindo certa quantidade de soda cáustica, fato que talvez possa explicar a pouca comunicabilidade de Xambó.

Fazenda Primavera: Já há algum tempo, apareceu no hospital de Bataiporã, uma mulher dizendo-se indígena e moradora - juntamente com sua família - da Fazenda Primavera (município de Bataiporã), cuja área não foi possível visitar dado o estado lastimável da estrada devido às incessantes chuvas que caem na região.

Alcides: Aparecido Carreiro, segundo testemunho de sua esposa, foi o primeiro branco a chegar (há 25 anos) ao local onde hoje é a área urbana de Bataiporã.

Quando da degradingolada da família de Maria, Carreiro (madeireiro e construtor de pontes) adotou Alcides, irmão da indiasinha,

Hoje, casado com uma mulher morena (não índia), Alcides vive na Fazenda Nossa Senhora Aparecida, no mesmo município.

E segundo informações controvertidas, Alcides e Maria teriam um irmão de nome Lázaro que hoje seria um andarilho.

Mas, sobre este último, pouco se sabe e mesmo os informantes não foram capazes de afirmar mais nada de concreto.

E, finalmente, com nenhum dos dois ou três irmãos foi possível manter contato.

Dispersão:

Segundo o testemunho de dois índios Xavante(?), José Antonio e Ramão vários índios seus parentes teriam ido há tempos(tempo que não puderam precisar) de Bataiporã para o P.I. de Dourados.

Em dado momento da conversa José Antonio, após contagem rápida nos dedos, afirmou-nos que teriam saído de Bataiporã rumo ao P.I. Dourados, somando seis pessoas(sendo esses tios e primos seus).

E conforme seus testemunhos e de vários brancos com quem nos avisamos, são vários os índios que trabalham e perambulam pela região de Bataiporã atualmente. O número foi impossível de precisar.

José Antonio e Ramão:

Antes de iniciar a descrição da visita que fizemos a uma área que possivelmente teria sido reserva indígena, convém registrar o comportamento do índio Ramão frente a nós.

Pela meia tarde, após algumas andanças pela cidade, deparamos com os irmãos José Antonio e Ramão, de quem já ouvimos falar, momentos antes, justamente por estarem perambulando pelo local.

No primeiro contato, em companhia de dois brancos(Sr. Frederico e esposa, atuais patrões de Ramão), este último negou ser índio, dizendo-se mestiço, nascido no Paraguai; para logo em seguida dizer que nasceu no município de Rio Brilhante. E já nos deixou entrando na residência de seu patrão.

Ocorre que ao rumarmos para a Fazenda Conquista(da qual falaremos adiante), Ramão negou tudo o que dissera antes, afirmando ser nascido na fazenda Conquista(como todos os seus familiares) e ser "índio puro". Apenas confirmou que não sabia falar a língua de sua gente. Nesta ida à fazenda Conquista estavam somente os dois índios conosco. Ramão não revelou sua idade, mas presumivelmente tem por volta de 40 anos e se diz apenas Xavante.

José Antonio, como Ramão, diz também ter nascido na Conquista em 1949, também sempre trabalhou em fazendas(hoje, segundo diz, é administrador da F.z. Santa Izabel, onde vive moribundo seu pai).

Apesar da idade, ambos são solteiros, José Antonio diz já ter namorado "bastante moça boa", mas nunca quis casar. Apenas não especificou serem índias ou não. Presumimos que não, pois quase não ouvimos notícias de mulheres Ofaiet-Xavante. na região.

A mãe dos dois índios morreu logo depois do nascimento de José Antonio, sem no entanto ser possível saber-se de que.

José Maximiano é o pai dos índios Ramão e José Antonio. Segundo seus filhos, sua idade deve estar entre 70 e 75 anos. É tio de Alcides e Maria e um de seus irmãos deve ainda viver no P.I. Dourados.

José Maximiano também nasceu na Conquista e vive ainda hoje na Fazenda Santa Izabel, administrada por José Antonio.

Há meses, José Maximiano sofreu um enfarte que lhe paralisou ambas

as pernas e tirou-lhe a fala.

Segundo testemunho de Ramão e José Antonio, o velho José Maximiano falava a língua. No entanto, em virtude de seu estado de saúde e da condição da estrada, resolvemos não ir visitá-lo.

Conquista:

Conforme enfatizaram várias vezes Ramão e José Antonio, a atual fazenda Conquista localiza-se justamente sobre as terras da antiga aldeia Ofaiet-Xavante de Bataiporã. Testemunho confirmado por alguns brancos da cidade.

Segundo ambas as fontes (branca e indígena) em tempos idos (não se sabe precisar quando) correu pela região um boato de que 5 mil ha, parte da hoje fazenda Conquista, seriam demarcados como reserva dos Xavante. No entanto os índios que viviam ali desde tempos imemoriais (segundo Ramão e José Antonio) foram pouco a pouco sendo expulsos.

A atual fazenda Conquista (e mais precisamente a área que os dois irmãos dizem ser de sua gente) fica a 12 Km do centro de Bataiporã após o arroio Combate, na estrada que vai para Brasilândia, em sua margem esquerda.

Os dois irmãos afirmam categoricamente que o local era habitado por seus antepassados e que seria (todos os seus 5 mil ha) declarado Reserva Indígena.

Ocorre ainda segundo os irmãos, que na década de 40, Enio Martins conquistou o título de posse destas terras, usando daí para frente os índios como peões, até paulatinamente expulsá-los usando o expediente do plantio de capim e a coltura do gado; fazendo com que, por volta de 1949 todos os índios já houvessem deixado o local.

Atualmente, a Fazenda Conquista, que extravasa os 5 mil ha citados anteriormente, pertence a três donos: Zé dos Reis (morador de Araçatuba, SP), a um sobrinho de Sérgio Benedetti (que também foi um de seus proprietários) e a um terceiro que não foi possível identificar.

Em nossa visita na tarde de hoje (17.12.79) que fizemos juntamente com irmã Ines e os índios Romão e José Antonio a área para algumas fotografias, constatamos que:

- a terra - como dizem os próprios índios - é muito ruim (apenas areia)
- existem muitos esteios - vestígios de velhas moradias indígenas (alguns fotografados por nós);
- há plantações de carnaúba e plantas ornamentais justamente ao lado dos esteios ou onde os dois irmãos indicam com local de antigas residências;
- um ou mais túmulos com duas cruzes de madeira e dois corações de metal, cada um com uma inscrição bastante apagada. Numa delas, lê-se 1934.

Segundo os dois irmãos, aquelas seriam sepulturas de Romão Coimbra (ex-chefe ou cacique do grupo) e sua esposa.

NB. 1) Além das fotos dos túmulos e dos esteios, tentamos fotografar parte do sítio geográfico que os índios dizem ser a antiga aldeia e ainda uma xalapa (canoa) achada recentemente no rio Ivinhema de origem

Ofaiet-Xavante e que hoje esta exposta no museu da Igreja de Bataiporã. Note-se, no entanto, que esta canoa não tem qualquer ligação com o grupo de Romão e José Antonio.

2) Há mais ou menos 20 anos, vivia em Bataguaçu uma família de índios (?) que após abaterem rezes de fazendas, tiveram um desentendimento com peões, quando chegaram a amatar alguns. Em seguida, fugiram para Porto XV, onde passaram a viver. Ali morreram dois do grupo e mais tarde outros saíram da localidade tomando rumo ignorado. Esses fragmentos foram colhidos tanto em Bataiporã, quanto em Bataguaçu (pe. Leão)

3) por serem muito garotos na época da dissolução da aldeia, Romão e José Antonio não se lembram de quanto índios viviam na Conquista.

*****_*****

Brasilândia, 22 de dezembro de 1979

Bem, segundo as informações colhidas em Brasilândia, foi confirmada a transferência dos índios Ofaiet-Xavante para a Bodoquena e até o momento ninguém retornou ao município de Brasilândia.

A transferência ocorrida no ano passado, aconteceu sob pedido do sr. Tomás, antigo morador de Brasilândia e proprietário da FarmaBrasil (segundo seu próprio testemunho).

O sr. Tomás alega que os índios estavam "muito mal", ou seja, sem muito trabalho e sem nenhuma assistência.

Segundo conta, ele entrou em contato com a 9ª Delegacia da Funai em Campo Grande, já em 1976, para conseguir essa transferência.

Ela, segundo vários testemunhos, foi feita pela própria Funai, em um seu caminhão (?) coordenada pelo sr. Dionício Virgílio da Silva (conf. um documento em poder do sr. Tomás), funcionário da Funai.

A pesar do sr. Tomás defender a idéia da mudança como benemérita e salvadora para os indígenas, há suspeitas de que o proprietário da fazenda onde estavam os índios, concluiu com a Funai (tudo isso, sem o conhecimento do sr. Tomás) precipitaram a tal transferência pois tão logo esta ocorreu, Artur Orfe (Horff), o proprietário, queimou as choças, derrubou a mata, e revirou a terra, nem mesmo respeitando o antigo cemitério indígena.

Outra pessoa envolvida nesse caso de transferência, este a pedido do Tomás, foi o deputado federal Antonio Carlos, do MDB, Nesses dois anos, foram alguns os seus pronunciamentos da tribuna e vários os seus pedidos junto à Funai para que a transferência logo ocorresse; temendo que se ela demorasse, os índios pudessem ser extintos rapidamente (tb. conforme informação do sr. Tomás).

Aldeia:

Antes de serem transferidos para Morraria (?) na Bodoquena (?) o grupo Ofaié-Xavante habitava, há tempos, o que hoje é a fazenda Boa Esperança de Artur Orfe (Horff), a pouco menos de 30 Km da sede municipal

de Brasilândia, na margem direita da estrada que vai deste município a Bataguçu.

Para o sr. Tomás, na época da transferência os índios somavam 32 pessoas, mas preferimos ficar com a informação de José Barbosa (que nos acompanhou até a área) e de seu tio, ambos vizinhos do antigo aldeamento: os índios seriam 24 ou 26 (v.fita).

Segundo ainda o sr. Tomás, até 57, ao redor de Brasilândia, haviam 3 ou 4 aldeamentos, no entanto essa informação não foi mais confirmada por ninguém.

O certo é que os indígenas, ao menos na Boa Esperança, estavam há tempos: o sr. Tomás há 25 anos já os encontrou e na época somavam mais ou menos 250 pessoas; o sr. Milton Ferraz (fazendeiro vizinho do antigo aldeamento e quem primeiro informou que o local havia sido cercado, tombado e o capim plantado, também lembra do grupo lá pelo final da década de 50 e, finalmente, José Barbosa e seus familiares testemunhas que, seguramente, já em 62 os índios por lá estavam.

De qualquer forma, todos são unânimes em afirmar os maus tratamentos sofridos pelos indígenas, vindos da população envolvente.

Segundo contaram, era comum os homens indígenas serem embriagados na cidade e suas mulheres e filhas serem seduzidas ou violentadas - "era o povo de Brasilândia". Isso, aliado ao sistema de exploração a que eram submetidos pelos fazendeiros, faziam-nos viver numa situação desesperadora, o que causou a intervenção do sr. Tomás, no sentido de retirar-lhes da área.

Outras informações:

- No dia 7 de outubro de 1979 (postada em Campo Grande) o índio Itaíde Francisco (presumivelmente líder da comunidade) enviou uma carta ao sr. Tomás reclamando das condições de vida em Morraria; mas nela não há de forma expressa nenhum vestígio de que queiram voltar a Brasilândia.

- Em Xavantina, distrito a 110 km de Brasilândia, pode haver duas famílias Ofaié-Xavante. No entanto, não nos foi possível ir até o local, pois choveu na região desde o dia 11 deste mês.

- Em Água Clara, distrito a 135 km de Três Lagoas, pode haver mais alguns índios. Também a ida para lá foi prejudicada pelas mesmas razões anteriores.

- Conforme testemunho de José Barbosa, e familiares, há em Brasilândia (v.fita) uma índia do antigo aldeamento e dois outros índios que não quiseram ir para a Bodoquena, mas não nos foi possível localizá-los.

- Finalmente, segundo José Barbosa, os índios falavam português, guarani e uma outra "língua toda enrolada que a gente nada entendia".

PS. Sobre o antigo aldeamento praticamente nada existe, a não ser o testemunho de José Barbosa, conhecedor profundo do local e amávelíssimo dos índios e que nos levou até a área, hoje toda desmatada, cercada

